

Todo dia essa escola está por vir: entrevista com Thelma Vilas Boas

Each day this school is coming: interview with Thelma Vilas Boas

Thelma Vilas Boas

Livia Flores, Dinah de Oliveira, Desirée Simões,
Edmilson Nunes, Marcos Cardoso, Mariana Pimentel,
Cleiton Almeida, Danielle Spadotto¹

Resumo

Nesta entrevista realizada via zoom em 29 de setembro de 2023, Thelma Vilas Boas narra e reflete sobre o processo de instauração do projeto Lanchonete < > Lanchonete e desdobramentos como a Escola Por Vir, em permanente diálogo e interação com o território onde se instala na Pequena África, Rio de Janeiro. De forma crítica e ao mesmo tempo propositiva, a artista interpela o mundo da arte contemporânea, discorrendo sobre questões como a branquitude e seu pacto narcísico, o racismo e a urgência de políticas de reparação e práticas contracoloniais que se iniciam a partir de um gesto transformador: abrir as portas para a rua e escutar o que ela diz.

Palavras-chave

Lanchonete <>Lanchonete. Arte. Educação. Clínica.
Racismo. Práticas Contracoloniais.

Abstract

Abstract: In this zoom interview on 29th September 2023, Thelma Vilas Boas describes and reflects on the initiation procedure of the Lanchonete <> Lanchonete project and developments, such as the School to Come, in ongoing dialogue and interaction with its Pequena África (Little Africa) neighbourhood in Rio de Janeiro. The artist critically and, at the same time, proactively challenges the contemporary art world, arguing on issues such as whiteness and its narcissistic pact, racism, and the urgency of remedial policies and anticolonial practices that start with a transforming gesture: opening wide the doors to the street and listening to what it has to say.

Keywords

*Lanchonete <>Lanchonete. Art. Education. Clinic.
Racism. Anticolonial practices.*

¹ Desirée Simões é psicanalista, enfermeira especialista em saúde mental e psicanálise (UFF), mestranda em psicossociologia de comunidades e ecologia social (UFRJ), e diretora da Lanchonete <> Lanchonete; Edmilson Nunes é artista; Marcos Cardoso é artista; Mariana Pimentel é professora do Iart/Uerj e teórica-ativista do Coletivo 28 de Maio; Dinah de Oliveira (EBA/UFRJ) e Livia Flores (ECO/UFRJ), professoras do PPGAV-EBA-UFRJ, Cleiton Almeida e Danielle Spadotto, doutorandes na mesma instituição, integram a equipe da revista. A entrevista foi transcrita por Cleiton Almeida, Crystal Duarte, Henrique Guimarães e Gabriela Massote e editada por Livia Flores, com colaboração de Simone Marques.

Livia Flores / Agradecemos a presença de vocês e expressamos a nossa alegria em receber Thelma Vilas Boas, iniciadora do projeto Lanchonete<>Lanchonete, situado na Gamboa, Centro do Rio de Janeiro. O bairro integra a Pequena África, como Heitor dos Prazeres chamava essa região marcada por imensa dor histórica, lugar de chegada de 500 a 900 mil pessoas trazidas à força para o Brasil entre 1775 e 1830 a fim de ser comercializadas como mão de obra escravizada. Neste número da A&E dedicado à relação entre arte e território, nosso convite a Thelma vem justamente do interesse por sua atuação nesse contexto como fundamento e propósito de existência da Lanchonete, tendo a cozinha como ágora – como diz em sua dissertação.² O projeto não vem pronto e se instala, mas surge e cresce na interação com o terreno e seus habitantes. Eu queria sugerir a Thelma começar varrendo – varrer como abertura de trabalhos é expressão dela – varrendo um pouco da sua trajetória como artista, da sua formação, da sua ida ao Japão.

Figura 1
Lanchonete <> Lanchonete
Espaço Saracura, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas



² Vilas Boas, Thelma. *Lanchonete <>Lanchonete*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Thelma Vilas Boas / Bom, preciso dizer que minha barriga está dando cambalhotas imensas, como sempre acontece quando surge essa situação de falar justamente no lugar que a Lanchonete buscou desafiar, que são esses lugares onde não nos sentimos num ambiente psicologicamente distendido. Ainda que eu esteja aqui entre amigues, com Cleiton e Dani chegando na minha grande roda de amizades, falar sobre si causa bastante tensão. Principalmente quando sabemos que essa fala vai ser escrita, documentada, e o quanto a palavra é alma. Na minha imaginação, ela compõe a grande gira de moléculas que rodeiam e podem desaparecer, voltar e ressurgir nas lembranças. Mas, uma vez no papel, nesta sociedade que literalizou tudo, como diz Nego Bispo,³ sabemos então que será registrado, lido e julgado.

Mas vamos lá, seguirei confiando que não se trata de outra coisa senão sobre construir um poema. Sejam os todes poetas aqui, até para não deixar nesse registro nenhum traço heroico e nada que possa parecer uma palavra de ordem ou um saber superior, senão eu, Thelma, de São Paulo, filha de um pai bem caipira e de uma mãe que tinha muitos saberes e que, de sua maneira, foi uma grande artista mesmo que não compreendêssemos assim. E hoje, quando eu investigo melhor, tanto na psicanálise quanto na minha maturidade, me fazer artista já era encontrar a possibilidade própria da Arte de enquadrar realidade. Desde pequena, para lidar com minha realidade eu fazia recortes e fabulações também próprias da infância. Eu enquadrava aquilo que eu dava conta e sustentava no campo das ideias, do sonho, até da energia mesmo, da metafísica, do desejo de alcançar um outro lugar. De alguma maneira, isso acontece com a fotografia. Não percebi isso como uma consequência, achei que fosse um acidente, mas eu me tornei fotógrafa e encontrei êxito em algum lugar do mercado da arte porque soube conjugar a linguagem e a técnica, mas de fato produzir imagem não era algo que me comovia. Minha maior paixão era o encantamento produzido pela física, pelos fenômenos ópticos e a química que a fotografia podia me apresentar. Trabalhei durante algumas décadas como fotógrafa, produzi audiovisual e percebi nessa vivência toda que eu não era sobre a produção de materialidade, mas sobre a experiência implicada em um fenômeno. Minha

³ Antonio Bispo dos Santos, liderança quilombola e escritor.

última experiência como artista no modelo clássico de exibição teve o seguinte enunciado: *Nada Interessa Mais _ 5 OPERAÇÕES DE ENCANTAMENTO*.^{4, 5} Era uma notícia para mim mesma e para meus pares, se é que notaram. Nada daquilo que eu tinha feito e encontrado nos modelos clássicos de exibição da arte me interessava mais, não queria mais compactuar com aquilo.

Figura 2

3ª Operação de Encantamento. Videoinstalação full hd 12h em looping. O que acontece com as fantasias de uma vida boa quando o comum se torna um aterro para crises esmagadoras e iminentes de construção de vida? Foto Thelma Vilas Boas

E sabemos que as práticas dentro desse campo muitas vezes adoecem, que a arte comoditizada, hegemonicamente branca, europeia, sequestrou outras cosmovisões e outras maneiras de se viver a arte e de ser artista. Entre amigos, pares, artistas, acontecem boicotes, a comunicação nem sempre é franca, e a rivalidade é corrosiva. E na época o que eu ainda não havia feito era a leitura crítica necessária sobre o campo da arte e seus paradigmas, onde eu, aliás, ganhava dinheiro, e sobre minha própria produção.



⁴ <https://dasartes.com.br/agenda/thelmas-vilas-boas-analisa-a-relacao-homem-x-mundo-na-galeria-mezanino/>. ⁵ <https://vimeo.com/manage/videos/144496370>.

A questão posta era: o que eu vou devolver para a sociedade na qual me forjei. Como posso pensar a questão pública? O que esse “público”, até então tão visto como massa abstrata para mim, oferece para formação de um povo? Falo da minha geração (eu tenho 56 anos) e na verdade falo sobre mim. Mas passei a questionar sobre a seguinte questão: desde os anos 60/70 quando escolas públicas passaram a ser sucateadas e as escolas particulares receberam apoio e aceleração do governo, muitas pessoas da minha geração tiveram educação particular e ingressaram em universidades públicas. Lá receberam formação gratuita, pública, enquanto pessoas que receberam educação pública eram desafiadas desproporcionalmente nos exames de ingresso em universidades públicas dado o sucateamento do ensino básico público e, assim, muitas vezes não cursaram o ensino superior. Muitos jovens universitários burgueses, entretanto, se formaram em universidades públicas e pavimentaram seus projetos de carreira, sem nunca problematizar o fato de terem recebido uma educação custeada por recursos públicos; portanto, alguma devolutiva ao público deveria ser considerada. Eu mesma fui matriculada em uma escola particular de bairro que cabia numa casa de 3 quartos, com perfil cívico-militar-cristão, que apoiava a ditadura, pois meus pais temiam a violência das escolas públicas do entorno. No entanto, experimentei a violência da pedagogia do fascismo. Fiz também uma universidade particular de bairro que ficava no final da minha rua, foi o único exame vestibular que prestei, e depois mais velha, quando consegui fazer novos enquadros da minha realidade, perguntei a minha mãe por que aos 16 anos, quando cheguei no momento de prestar concurso para universidade, não havia feito o exame da Fuvest, ela me disse: porque sabíamos que você não passaria.

Isso marcou um corte, uma intervenção que eu precisei fazer não só na minha carreira, mas na minha vida – porque também fui levada a acreditar que não havia separação entre arte e vida. O que eu também não havia percebido é que em uma sociedade branca e capitalista, arte não é exatamente sua vida, mas sua vida vai ser totalmente cooptada pela “arte”. Na real todos estes anos trabalhando com o campo da arte e sua capacidade de produzir recursos financeiros, haviam também promovido angústia, adoecimento e medicalização dos sintomas consequência de um sentimento constante de inadequação em relação ao campo onde eu me envolvia até o último fio de cabelo, e justamente um campo que deveria ser de cura e de liberdade.

Busquei uma mudança de cidade, ainda num lugar muito próprio de artista pesquisadore, artista andarilhe, artista que se move no mundo. Nos mudamos para o Rio de Janeiro, e eu deixei de produzir renda significativa sabendo que para contestar paradigmas não seria possível continuar me beneficiando deles. As pessoas mais próximas que conhecem minha família sabem o quanto essa mudança afetou positivamente nossa vida. E não me estenderei muito para explicar o porquê digo “positivamente”, mas irei direto ao fato de ter reconhecido que era justamente na cozinha onde eu me sentia mais em paz, além de varrer o quintal como narro na minha dissertação de mestrado. E como essa possibilidade de distensão psicológica poderia sustentar uma discussão para tensionar de alguma maneira o campo da arte e pensá-la em um campo ampliado? E até propondo a Lanchonete como um *site-specific*, discutindo se desceu do pedestal, foi para o chão, não precisa ser só Richard Serra com ferro e aço corten.

Figura 3
Lanchonete <> Lanchonete
no Espaço Saracura, Rua
Sacadura Cabral, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas



Figura 4

Cartaz para divulgação do longa-metragem *Caminhos invisíveis para necessidades visíveis*, foto Thelma Vilas Boas, direção de arte Pedro Ino

A certa altura, me atentei para a compreensão sobre *site-specific* sendo cooptado pelas instituições como um *site* orientado. Lendo Miwon Kwon⁶ aprendi sobre a crise do *site* orientado, museus cooptando artistas para organizar arquivos, e foi quando recebi do artista Masato Nakamura, curador do Museu 3331 em Tóquio, o convite para ativar uma zona periférica no Japão, o que resultou em um longa-metragem⁷ revelando a história de Tsuma San na cidade de Odate.

テルマ ヴィラス ボアス
 THELMA VILAS BOAS

中村ツマ Tsuma Nakamura 展
 HERSELF

松淵 得雅 アーティスト
 松淵 得雅
 TUKUMASA MATSUBUCHI ARTIST

日程 2016年11月13日(日)
 2016.11.13 SUNDAY
 14:00 ~ 14:45

会場 ゼログアートセンター
 ZERO DATE ART CENTER
 〒017-0841 秋田県秋田市津次町9
 9 Omachi Odate city Akita Pref. 〒017-0841

主催: アーティスト
 特定非営利活動法人アートNPOゼロダテ
 ART NPO ZERO DATE
 T: 080-3392-3819 E: info@zerodate.org

入場料: ADMISSION FREE

ZERODATE

大館市大深内地区の住人と共に制作された寓話!

おぼろげな道程—確かな必要性
 INVISIBLE PATH FOR VISIBLE NEEDS

A FABLE MADE WITH OSHIGOCHA'S
 COMMUNITY MEMBERS IN THE
 CITY OF ODATE, AKITA.

⁶ Kwon, Miwon. Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity. *Arte&Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 17, 2009.

⁷ <https://vimeo.com/246971491>.

Contextualizando sobre o novo enunciado LANCHONETE, gostaria de dizer mais sobre a cozinha, porque foi nesse lugar que descobri outro conceito, comensalidade – as pessoas em volta da mesa podem construir presenças e trocas sem a tensão psicológica que nos rouba tanta fruição boa; basta pensar nas experiências escolares bancárias europeias. Outra coisa foi aprender em 2015, com o arqueólogo Eduardo Neves, a informação de que a Amazônia foi plantada. O maior jardim do mundo foi cultivado pela maestria e gestão da própria floresta com a ação de comunidades ameríndias, impactando um planeta inteiro. Floresta e cultivo coletivo. A cozinha me faz lembrar do momento com as mais velhas, cozinhando, bordando, o fogo tilintando e a vida acontecendo. E ali, naquele contexto, você arrisca dizer qualquer coisa que pensa, precisa ou quer saber, que dá notícia aos demais sobre você. É muito comum que as pessoas apresentem enunciados em volta da mesa de comer, na resenha, nos bares e nos botecos. Reconhecer o quanto foi nesses lugares, nesses ambientes comensais que se deram grandes movimentos de luta, grandes escolas de vida, de vanguarda, de literatura, de políticas, de artistas. E o quanto eles foram sequestrados pelo capital virando bistrô, café, *restaurant*.

Foi uma convocatória para um retorno à possibilidade de seguir existindo como artista, sem adoecer tanto por circular em espaços tão clássicos, tão brancos, tão colonizados. Para mim, era um estranho inquietante, mas como falar de algo que eu não aprendera a pensar? Eu não tinha o letramento que tenho hoje em dia. Durante muito tempo, até em algumas justificativas na minha dissertação de mestrado, falo sobre isso como efeito da colonização, ainda como uma questão de classe, a luta que eu conheci na minha infância. Sintetizando tempo e contextos, a cozinha se dá para mim como um trabalho de arte, apresentada na perspectiva de um *site-specific*.

A Lanchonete tem vivido sua processualidade sem tabu, sem mentiras, sem preocupações de controlar o processo e na maior radicalidade possível. Quando migrou do Espaço Saracura para o Bar Delas, investigou melhor a relação entre o trabalho que construía com as crianças e a propriedade privada, já que o Saracura tinha um proprietário. Após um ano como artista residente e o impacto positivo que a Lanchonete produzia no espaço, surgiu a ideia de trazer novos agentes para o prédio, e a cobrança de aluguel se fez presente. Para mim, porém, era a potência que aqueles poucos metros quadrados anunciavam com sua capacidade de reunião de pessoas se interessando pelo debate provocado e não a relação de locador e locatário. Também foi no Bar Delas que se deu o início da implicação na luta por moradia.

Tem sido uma jornada tensionando a arte clássica branca a fim de pensar como nós, artistas, seguiremos diante do horror. Justamente quando se lutou pelo reconhecimento do valor do trabalho, a arte conquistou valores estratosféricos. É sobre o enfrentamento da hipervalorização da arte e a produção para enriquecimento próprio e não enfrentamento sobre todo movimento fundamentalista sendo construído no país com planos de poder. E por que essas duas questões juntas? Explico. Eu nasci nos anos 1960. Nesses últimos 40 anos, por interesses do capital, artistas muitas vezes têm seus ateliês em bairros mais empobrecidos e precarizados onde encontram aluguéis mais baixos e metragens mais generosas. Vão lá, montam seus ateliês e trancam suas portas. Enquanto isso, o fundamentalismo pipoca pelo Brasil inteiro pequenas células em pequenas comunidades e, aqui e acolá, abrem suas portas. A diferença e a semelhança estão no fato de que ambos têm projetos de nação. De um lado, um plano de poder de domesticação de um povo pela culpa, pela dominação, colonizando mais ainda o corpo, a mente e a fé, e tudo o que sabemos sobre o preconceito com outras matrizes religiosas; e, de outro lado, um plano de poder de manutenção do *status quo*. Temos aí um desafio quase invencível. Duas grandes potências de formação de sociedade, de nação, de mundo, de subjetividades, de sujeites, atuando com interesses muito grandes e muito fortalecidos pelo privilégio branco, porque, precisamos dizer, esse contingente de pessoas é, na sua maioria, de pessoas brancas. E o que significa ser uma pessoa branca no Brasil, no mundo?

A ideia, portanto, também foi questionar o campo. Qual é a coragem de tratar disso no campo, dos dois lados? Por que os ateliês são fechados? O que fizemos para impedir o fascismo? Acho que a minha geração tem uma resposta a dar. Por que muitos ateliês ficaram e seguem trancados, se esses ateliês trazem saberes e conceitos que vieram do público, tomado como abstração, sem nome, sem rosto, que ninguém quis ver a cara, a cor, a fome, mas sabe bem como se apropriar da produção de sua existência? E uma vez usando a cozinha e a comensalidade como dispositivo artístico e político, a fome pulou sobre todas as materialidades do campo da arte. Pensar sobre a fome é sobre o que comer; e sobre o que comer não é sobre encher o bucho das pessoas com qualquer comida envenenada e adoecê-las para o mesmo capitalista que faz o nugget e vende o remédio para tratamento de câncer seguir lucrando ao longo de todo processo, roubando a terra de quem é dono por direito, envenenando o solo da Mãe de todes nós humanes e não humanes.



Figura 5
Lanchonete <> Lanchonete
Ocupação Bar Delas, 2018
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas



Figura 6
Lanchonete <> Lanchonete
Ocupação Bar Delas, 2018
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

Várias chaves foram se abrindo, e aí eu peço a bênção e a licença das crianças e das pessoas da Gamboa, para falar deles e rapidamente eu pretendo não falar tanto deles, para que possamos falar sobre quem causa essa situação em que eles se encontram. Mas peço licença porque foram elas que encontraram a Lanchonete. A Lanchonete não tinha um projeto: “Ah, vamos trabalhar com crianças na Gamboa”. Não foi isso. Como eu disse, fiz o percurso da artista pesquisadora, a artista andarilha, a artista-etc., taí, Basbaum.⁸ E a pergunta presente era: o que foi que não aprendemos para o mundo estar do jeito que está? Duro reconhecer, mas eu dormia o sono profundo da burguesia branca ignorante. Andar pela baía de Guanabara ou caminhar pelo Centro como artista-etc. me dava notícias de que tudo que eu tinha aprendido na escola não servia de nada, porque tinha sido um ensino completamente colonizado e branco. Mas como sair da declaração para a ação?

⁸ Basbaum, Ricardo. *Manual do artista-etc.* Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2013.

Aos poucos fui aprendendo mais e mais sobre esse tempo-espaco cada vez mais pronunciado, a Pequena África, expressão cunhada por Heitor dos Prazeres, mais precisamente como MiniÁfrica. Um grande sítio sagrado para o povo afroameríndio e para os homens da cidade, uma Apac, Área de Proteção de Ambiência Cultural que reúne três bairros Saúde, Gamboa e Santo Cristo (Sagas).

Em um trecho do livro *Branquitude*,⁹ Lia Schucman descreve dois grupos de brancos, que são o dos quatrocentões, com visão explícita dessa prerrogativa, vivendo da renda de suas fazendas e seus antepassados que acumularam com a escravidão; e os imigrantes – no qual eu me reconheço como ancestralidade – que desfrutaram os vários privilégios no Brasil, porque a imigração foi incentivada e patrocinada pelo governo, e a entrada desses imigrantes brancos estava em sintonia com o embranquecimento do país; e para ascender econômica e socialmente, os imigrantes foram de fato muito trabalhadores.

Isso é uma coisa que marca muito o projeto da Lanchonete. É a minha experiência, eu sou uma pessoa trabalhadora. Mas aí eu vou continuar o que eu aprendi nesse livro, porque também me diz muito sobre essa imagem heroica de ser muito trabalhadora, que ficou marcada na autoimagem do imigrante. [lendo] “Claro que há exceções, mas regra geral o imigrante considera que conseguiu subir na vida devido ao seu mérito. A ideia do mérito é muito forte para ele.” Eu não sei com quem eu já conversei sobre isso, o quanto a meritocracia construiu a minha jornada de vida, o quanto meu pai, operário, marceneiro, de uma geração que experienciou a desvalorização do campo e o fascínio urbano patrocinado pelo *agrobusiness*, o quanto essa visão de mundo que me forjou acreditou na meritocracia. [lendo] “Porém, ele não consegue perceber que, ao lado do mérito, sua ascensão também foi favorecida pelo privilégio da branquitude.” Eu não tive essa consciência. “Porque o negro também está trabalhando há séculos no Brasil e não conseguiu ascender da mesma forma. Então, no caso dos imigrantes, a branquitude fica camuflada na autoimagem. No caso dos quatrocentões, não. Eles têm perfeita consciência de seus privilégios porque nunca trabalharam. A ideia forte neste caso é de herança. E se podem desfrutar de

⁹ Cardoso, Lourenço; Müller, Tania P. (orgs.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2018.

uma herança foi porque os escravos negros trabalharam para seus antepassados.” Então, trazer essa verdade é importante, para que possamos também tratar desse processo da Lanchonete com bastante rigor, para que não fique num romantismo de um processo heroico meu, nada disso.

E as crianças... são as crianças que aparecem na Lanchonete... e porque a porta se abriu para o inesperado, que deveria, se houvesse menos brancura na minha história constituinte, ser o esperado. O fato de crianças aparecerem curiosas para saber o que era aquela Lanchonete, e aparecerem crianças negras empobrecidas e abandonadas pelas políticas públicas e pela sociedade carioca e não crianças brancas protegidas pelo *status quo*, é a notícia que eu gostaria de dar, deixa eu ver se eu acho aqui, é que [lendo] “vamos muito mal nas políticas de reparação da escravidão e que sem reparação não há possibilidade de cuidados com as infâncias negras brasileiras, com as existências desterradas forçadamente de África”. E eu aproveito para estar no meio de tantas pessoas brancas aqui na tela, com a exceção de Marquinhos e Desirée – Dani e Cleiton, me desculpem, eu não os conheço profundamente para saber como vocês se declaram –, e citar Derek Walcott, um poeta santa-lucense: [lendo] “Para pessoas negras, o mar é história. E para pessoas brancas, mar é enriquecimento”.

A barca aberta, do Glissant,¹⁰ que conta [lendo] “a petrificante experiência de deportação dos africanos para as Américas, sobre o desconhecido enfrentado sem preparo ou desafio. Sua elaboração impactante nos oferece a imagem da primeira escuridão ao ser arrancado à força”. Mas aí ele diz: “isso ainda não é nada”. E completa: “tem o exílio, a tortura, a degeneração do ser, o vômito, a carne viva, a rampa para subir, a vertigem, a usura mais duradoura do que um apocalipse”. E ele repete: “isso ainda não é nada”. E então ele conclui que “esse confronto reverbera até nós”. E eu pergunto: Nós quem? Nas pessoas brancas? Nas crianças que chegavam ali perguntando o que aquela lanchonete estava fazendo que não servia hambúrguer, nem café, nem chocolate, nem nada, mas se dizia lanchonete, reverbera até hoje. Então também foi começar a compreender o trauma geracional, coisa que antes eu não tinha notícia. E perguntar para os meus amigos e amigas, para minha família, para os meus tios, meu pai que ainda era vivo, o pai migrante, qual era a reverberação disso tudo em nós.

¹⁰ Édouard Glissant. *A barca aberta. Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Bom, foi assim que as crianças anunciaram o devir dessa lanchonete, que tinha apropriado esse nome, porque já tinha sido La Boca em um ambiente de residência artística lá no Capacete,¹¹ para que pudesse dar conta da latitude do que se anunciava. Numa lanchonete, brasileiro entra de chinelo ou entra com o vestido de casamento, compra um cigarro, pede uma média, tem um prato feito, tem dinheiro ou não tem dinheiro, você vai na lanchonete no colo do pai ou vai velhinha, como o último compromisso social da vida. Também era um desejo de anunciar uma interlocução pela comida, pela comensalidade, mas da maneira mais aberta possível – não posso nem dizer democrática, porque eu também não acredito nessa palavra... não da maneira como a vivemos – para que qualquer pessoa se sentisse à vontade. E aí, quando falamos sobre como a Lanchonete se apresentou na matéria e visualmente, da maneira infantil mais acordada dentro de mim, é como se pudesse ser o quarto que toda criança tem o direito de ter, de viver, e o que na época, como expressão artística, como o Marquinho mesmo diz, reproduzir em outras matérias as tintas coloridas daquela arte, da fatura, do óleo, da tela, do *canvas*, em vida mesma.



Figura 7
Lanchonete <> Lanchonete
Ocupação Bar Delas, 2018
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

¹¹ Ver capacete.org.



Figura 8
Oficinas gráficas com
Marcelo Oliveira e as crianças
na Lanchonete <> Lanchonete,
Espaço Saracura, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas



Figura 9
Lanchonete <> Lanchonete
Espaço Saracura, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

Marcos Cardoso / A Lanchonete, na figura da Thelma, me ensinou a observar outras tintas, como se fazia arte sem as técnicas e o pensamento europeu de fazer arte. Até agora caminhamos com esse pensamento de usar quadros, tinta, cor, perspectiva, geometria. Abstração é ótimo, sensacional, vamos aprimorando o mundo com todo esse ensinamento. Mas quando você chega numa artista igual a Thelma, que já não trabalha nessa metodologia europeia de fazer arte, mas num significado mais real, não mais fora do Brasil, mas dentro de um galpão, já não precisa falar para o mundo, porque o mundo não está mais a fim de escutar, ele já está entendendo tudo. Precisamos falar para os nossos vizinhos, para os nossos mais próximos. Foi o que a Thelma me mostrou como artista, que eu não precisava – uma coisa boba que eu vou falar – ficar fazendo bijuteria de parede para poder desenvolver arte. Eu tenho uma necessidade econômica de sobreviver porque não tenho família, sou casado com outro homem, o que dificulta uma estabilidade familiar. Porque só a palavra homossexual já leva para o sexo, e não é isso a vida de dois homens. Eu vivo há 40 anos com Edmilson, somos uma família, nos amamos. Construir uma família homossexual com qualquer profissão é muito difícil, na arte também. Eu tive que fazer coisas para poder pagar minhas contas usando minha habilidade – o que eu faço até hoje, mas eu tenho uns passos inspirados na Lanchonete.

Quando a Thelma me chamou a primeira vez para conhecer a Lanchonete, o espaço com ela lá era um lugarzinho que eu logo percebi que tinha um olfato e o que a Thelma queria levar para aquelas crianças. E eu falava: “Thelma, vamos vazios, vamos vazios para a Lanchonete; lá aquelas crianças vão encher a gente. E, quando transbordar, devolvemos. Não sei se é preciso, não sei qual a palavra, então trocamos com elas o que elas devolverem”. Porque eu sempre acreditei muito na pedagogia do olfato, no cheiro do quintal da tia, no cheiro do quintal da avó, no cheiro da comida da mãe, no cheiro do armário do primo. Eu não tive esse cheiro, mas muita gente falava para mim: “hummm, olha o cheiro da comida da minha avó”. Eu não conseguia entender o gosto da comida da minha prima, e eu via como era importante para as pessoas, que esse ensinamento era estranho. Eu percebia que, como eu, essas crianças também não tinham essa referência de cheiro. Não tinham uma fixação de cheiro. E eu acho que a Thelma conseguia fazer isso. Ela conseguia fazer aquela comida e cheirava aquela comida gostosa. Aí aquelas crianças ficavam esperando a comida, aí

aquele lugar em que elas podiam se sentir muito bem, elas se abraçavam. Era uma coisa até estranha para elas, abraçar, mas a Thelma também fez com que elas se abraçassem. E a gente se abraçava, na hora de comer, a gente gritava. Então, eram sempre momentos em que elas sabiam que aquele ambiente, com aquele cheiro, que por onde sentissem aquele cheiro, elas estariam seguras. Então, era um pouquinho de alguma coisa, que elas não tinham absolutamente nada, porque na falta de comida: “vai, come”. Mas eu acho que essas delicadezas da vida, só quem tem paz e amor é que consegue aprender isso, quem tem essa tranquilidade na infância, que a mãe acorda todo dia e enche o saco para ir para a escola. O aniversário dos primos. A Thelma realiza esse encontro de sensações que a escola não vai ensinar nunca, o pai não vai ensinar, ninguém vai ensinar, porque tem coisas que ninguém ensina, mas a gente aprende. E essas coisas que só vivendo em um ambiente muito incrível, com várias paisagens, todo dia se abrindo paisagens novas, para que essas coisas possam acontecer. Porque essas crianças todas abrem a janela e a paisagem é sempre cinza. Entendeu? Então é legal ficar abrindo janelas para entrar um pouco de cor na vida delas. Era isso.

Edmilson Nunes / Thelma, eu não tenho nada para falar, mas eu queria dizer que o seu depoimento é emocionante! Como as suas ações lidam com a emoção, com a alegria, porque parece que as palavras às vezes caem no clichê, às vezes até os poetas caem no clichê, mas para mim é muito emocionante ouvir você falar do seu projeto com toda a verdade e alegria e bondade que ele carrega. Até, falando em clichê, rever essa palavra bondade. Como homem branco, vou fazer esse parêntese, que a minha perspectiva é essa, de uma família classe média, que no verão ia para casa de praia, e no inverno ia para a serra, para a estação de águas. Mas quando a emoção é ligada a esse clichê ou não clichê, bondade é a palavra que eu imagino que possa falar de você e de todo o seu trabalho, da sua caminhada, meu amor. É isso!

LF / Thelma, você podia contar um pouco como você chega na Gamboa, como tudo começa?

TVB / Eu cheguei na Gamboa em 2016, depois de ter feito essa intervenção na minha vida, como contei há pouco. Durante as Olimpíadas e durante aquela grande lambança de dinheiro que tinha esse nome Revitalização do Porto Maravilha, eu fiz um trabalho ainda especulativo para encontrar esse caminho. E já que você pergunta e combinamos de ser poeta, na minha dissertação eu citei Raul Seixas



Figura 10
Divisor de Marcos Cardoso
e Edmilson Nunes com as
crianças na Lanchonete <>
Lanchonete. Espaço Saracura,
2017. Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas



Figura 11
Lanchonete <> Lanchonete
Espaço Saracura, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

assim: “Eu já fui de vários jeitos, jeitos que não eram eu, demorei a encontrar meu caminho, trilhando caminhos que não eram o meu, mas ao longo dos caminhos encontrei muitas flores e também muitos espinhos, descobri vários amores, enfrentei vários temores pelas beiras dos caminhos e eles foram se fundindo todos em uma coisa só, os caminhos, os amores e os temores. Tudo que eu encontrei tentando ser o que não era eu, transformei-me no que eu sou e formou o caminho que finalmente era o meu.” Teve uma hora que se formou o caminho que era o meu. Eu não sinto que existe algo a fazer diferente ou depois da Lanchonete. Tudo vai ser consequência dessa confluência de caminhos experimentados, que talvez tenha a ver com a maturidade de todas as pessoas e que tem a ver de novo com o privilégio branco. Quem pode, neste Brasil, ter caminho a formar?

Figura 12
Rua Pedro Ernesto, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas



Nessas confluências, eu acabo chegando na Gamboa durante o projeto de revitalização do Porto Maravilha. Havia uma dinâmica muito própria e muito figurativa desses processos coloniais, própria de recursos roubados, que podem ser mal usados. Não estou só dizendo da corrupção que se deu naquele momento na cidade do Rio de Janeiro; estou falando sobre o *modus operandi* colonial em todas as entranhas da nossa sociedade. A prefeitura descarregava nas esquinas blocos empilhados em paletes de madeira, um monte de areia e brita, e, debaixo de um sol escaldante, homens com uniforme da prefeitura, sem nenhum outro recurso de dignidade para realização do trabalho como um tenda de apoio, trabalhadores que a gente sabe qual é a cor assim como sabemos a cor de quem está nas posições de mando e poder, tentavam dar conta do trabalho de “revitalização” já previamente calculado: urbanizar até o Cais do Valongo, tombado pela Unesco, desde a Praça Mauá onde estão os Museus do Amanhã e MAR, presentes no programa de roteiro turístico da prefeitura. Dali para frente em direção à Praça da Harmonia tudo ficou abandonado com materiais sendo levados pela chuva e pelo esquecimento. Foram quatro anos de terra cavada, incluídos sítios arqueológicos sendo expostos, outrora sem chance de ritualização de suas passagens existenciais, o que para o povo africano e indígena impede que se chegue a Orúnmilá, Orum, e outras nomeações. É a prova viva, a constatação novamente do crime perpetrado pela sociedade carioca e brasileira às pessoas que chegaram primeiro e às que chegaram à força, que não podemos deixar de notar.

Pois bem, os homens vinham batendo aqueles blocos no chão e, porque são pessoas inteligentes, quando se aproximavam da próxima esquina, não voltavam para pegar material na esquina anterior, óbvio. Não havia carrinho, não havia sombra, não havia infraestrutura digna, muito próprio do não interesse de que esse lugar ficasse urbanizado corretamente; tinha cena de caos total e muito material desperdiçado.

Ainda em 2016, pensando como eu poderia atuar com as ferramentas das artes plásticas e visuais, eu olhava e via que aquilo anunciava sua própria forma. Não só ficaram evidentes todos esses valores que eu acabei de mencionar, mas também uma escultura. Eu desmontava os paletes de madeira e fazia daquele amontoado de blocos um fogão a lenha apenas ajeitando para que houvesse uma pequena passagem de ar, um elogio ao saber caipira, e botava

os paletes para queimar. De dia eu percorria as ruas e ia ajeitando as pilhas de blocos e desmontando os paletes. De noite, eu e o Beto, meu companheiro e amor, acendíamos o fogo. E foi com as pessoas que têm tempo, o homem lento (Milton Santos), justamente nesse rés-do-chão, nesse outro tempo, que não é o tempo do branco e do capital, que eu e Beto sustentamos o silêncio até que houvesse algo a dizer.

Fizemos algumas intervenções, como a sopa de pedra, que, na obriedade de quem tem fome, é uma sopa de pedra mesmo. E, ao mesmo tempo, era manifesto e resposta às Olimpíadas. Do mesmo jeito que eles escrevem nas Olimpíadas em letras garrafais, letra, ponto, letra, ponto, era o *C.A.L.D.O. D.E. C.A.R.N.E.* Carne de quem?



Figura 13

Esquina Rua Sousa e Silva com
Rua Sacadura Cabral, 2016
Acervo Lanchonete Foto
Thelma Vilas Boas; Castelo de
cartas por cair e câmara de
segurança, Espaço Saracura,
2017 Acervo Lanchonete
Foto Roberto Somlo

Depois disso, a Paula Borghi, curadora, me convidou para integrar uma exposição dentro do Saracura. E eu fiz no andar de cima um empilhamento com 50 e poucos paletes e chamei de *Um castelo de cartas por cair*, porque era justamente o que dava para se perceber. Aqueles paletes empilhados quase caíam a todo momento, mas não caíam também, assim como o *status quo*. Era um risco ali dentro do Saracura e, ao mesmo tempo, trazia essa reflexão, ou melhor, esse flagrante. E teve que ser assim porque eu propus fazer um jantar lá dentro. Sem colocar nossos pares no paredão, mas para romper com o pacto narcísico – e eu já fiz essa conversa com Paula, outro assunto importante para tratar aqui, o pacto narcísico que aprendo com Cida Bento¹² sobre nós mesmas, pessoas brancas – eles tiveram medo de que as pessoas da rua com as quais estavam convivendo nos fogões a lenha, uma vez dentro do Saracura, pudessem descobrir por onde entrar, roubar. *O castelo de cartas por cair* vem justamente porque não se pode trazer um jantar para dentro com essas pessoas do lado de fora. Instalei uma câmera de segurança que lá do topo do prédio filmou o jantar que fizemos na frente do Saracura, do outro lado da rua, sendo transmitido para dentro pelas imagens da câmera de segurança instalada ao lado dos paletes empilhados.

Mas esses diálogos não bastam. Não me adiantava fazer um trabalho em que a câmera de segurança dizia para aquela instituição, para aqueles curadores, sobre pessoas negras empobrecidas, até com dependência química causada pelo adoecimento mental que essa colonização provoca. Nós, pessoas que desfrutamos do privilégio branco, além de não termos nossa saúde mental atacada pelos processos coloniais, podemos cuidar da sua saúde mental. Sei que é uma generalização, mas tem fundamento. Mas as reverberações da escravização estão nesses corpos que não podem entrar; então, quando entram, entram pela imagem da câmera de segurança. Por isso *O castelo de cartas por cair*. Porque foi sobre isso. E caiu.

Viveiros de Castro nos dá a notícia de que já estamos no fim do mundo, só falta saber como ele vai terminar. E, neste fim de mundo, entre o acadêmico de Harvard e o homem morador de rua que atualiza o homem coletor no catador, nem precisamos dizer quem vai administrar melhor a situação. Talvez o homem de Harvard não saiba nem fazer fogo e nunca tenha dormido sem meia. Desculpe, mais uma generalização, mas parece que a acentuação pode ser uma maneira de acelerar efeitos.

¹² Cida Bento. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



Figura 14
Câmera de segurança,
Espaço Saracura, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

Isso foi um enfrentamento quando surgiu o convite para a Lanchonete ocupar a garagem do Saracura como meu ateliê, e eu digo que não somente não me interessava o trabalho de ateliê, como só poderia entrar com a proposta de ativar uma cozinha ao rés-do-chão: “Abrimos a garagem, a porta e rés-do-chão e vamos esperar, ver o que acontece”. Coloquei uma placa: “Entre, sente, vamos conversar sobre o mundo”. De novo, hoje em dia quem pode conversar sobre o mundo? Eu, uma migrante que recolheu privilégios ao longo da vida, filha de um pai branco que saiu também do interior, enfrentou o operariado, mas por ser branco, conseguiu construir uma amorosa organização familiar. Isso é outra coisa importante de reconhecer: desde sua captura e desterramento forçado de África, as famílias foram violentamente separadas porque para os traficantes e senhores que comercializavam vidas era importante que não tivessem agrupadas em famílias pois dificultaria o exercício do crime que cometiam. Eu falo isso, eu estou arrepiada, porque é de uma dimensão de horror, de projeto de mundo que não dá para não ficar horrorizada. No mercado de negras, negres e negros aqui no Brasil, em outros postos de venda, os senhores compradores não

queriam levar a família inteira porque não toleravam que a mãe chorasse a dor de um filho ou o espancamento de um amor. Isso é de uma crueldade tal, que precisamos saber à custa do que chegamos aonde chegamos. Joice Berth nos ensina sobre como afeto sempre foi um sentimento difícil de ser construído na vida das mulheres negras, por exemplo.

Mas, enfim... Montei a Lanchonete na garagem do Saracura e coloquei a placa LANCHONETE <> LANCHONETE. Mas que mundo era esse para ser conversado? Com a chegada da Mariana Pimentel e Jorge Vasconcellos com um programa de mestrado, se dá mais uma intervenção muito importante no processo de instituição da Lanchonete.

Mariana Pimentel / Era uma turma do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF (PPGCA-UFF)

TVB / E que trazia três conceitos que chacoalharam minha cabeça: práxis, estética e política. Ali começou a politização do trabalho, a politização da estética e a diferenciação entre prática e práxis. Essa mudança de termos trouxe implicação outra muito importante para a forma como o trabalho passa a se desenvolver. Depois de um ano, em tensão com a propriedade privada ali do Saracura e os projetos que chegavam no prédio, fui para o Bar Delas. Agradeço imensamente a César Jordão, Bianca Bernardo e Paula Borghi; guardadas as dificuldades que tivemos para entender as possibilidades de os projetos coabitarem o Saracura, é muito importante dizer que aquele pequeno teto, aquela pequena garagem conseguiu fazer o que a semente em terra fértil faz: guardou ali uma promessa de futuro e tive tempo de fruição e experimentação necessárias para continuação do processo. Quando decidi sair, rodei toda a Gamboa, subi, desci morro, fui na Mãe Glória para ver se poderia mudar para o terreiro dela, que fica na Ladeira do Barroso; fui falar com uma pessoa que disse arrumar um espaço numa igreja evangélica; soube que eu era conhecida como “a coroa da ONG” quando o Bigode mandou me chamar para oferecer espaço em um daqueles galpões ocupados por ele. Na hora em que a sentinela abriu a portinha, ele gritou: “Ô, Bigode, a coroa da ONG chegou”. Aí eu disse: “não, não, sou a Thelma da Lanchonete”. “Aqui você é a coroa da ONG.”

Muitas voltas sem respostas até que pensei: se pego um espaço e faço parecer uma lanchonete para contar com a fruição da comensalidade, por que não busco um boteco e proponho uma intervenção a mais como a Lanchonete <> Lanchonete?

Tentei conversar com todos aqueles barzinhos da Praça da Harmonia, naquela época eram o da esquina oposta ao Bar Delas, o Bar do Jorge e da esquina em frente ao Batalhão. Mas aí eu me lembrei de um bar amarelo e azul na esquina em frente ao Moinho, que tocava uma música estridente, superalta.

De tudo o que eu percorri, era o que estava sempre mais vazio. Fui lá, entrei e aí – o meu corpo todo domesticado pelo patriarcado – falei: “Por favor, eu queria falar com o dono”. E uma voz muito carioca e gostosa diz: “aqui não tem dono, tem donas”. É bom dizer que Cristiane fala assim: “Aqui tem donas, aqui é o bar delas. Não viu o nome? Bar Delas”. Diferente de outras interlocuções em que o dinheiro era posto, e eu não tinha como assumir uma despesa, Cristiane lidou – vou falar em negociação – com o capital simbólico da Lanchonete. E me diz em resposta à minha consulta sobre a possibilidade de desenvolver o projeto da Lanchonete em parceira com o espaço do bar: “te conheço, sei onde você fica, sei o que você faz. Pode vir para cá, vem para cá”. Como muitos de vocês que a conhecem sabem, qualquer coisa que se propõe, Cristiane fala “vem, vem pra cá”. Ela não pensa o dinheiro, pensa o processo, a experiência, a partilha.

E aí a Lanchonete muda do Saracura para o Bar Delas em uma noite de muito calor com a participação do Alex, um homem negro, muito grande, muito forte, que eu vi chegar em 2015, quando fiz a primeira intervenção, que são as câmaras escuras na rua Souza e Silva, depois pavimentada, onde fica a Fundação Darcy Vargas e a Escola Darcy Vargas, onde estudam muitas crianças que participam da Escola Por Vir Lanchonete, o que fez com que elas dessem de cara com a garagem do Saracura, porque assim que saíam da escola e chegavam na esquina com a Rua Sacadura Cabral, davam de cara com uma atrevida Lanchonete que queria conversar com o mundo e não vendia nem um joelho.

O Alex eu vi chegar, triste e destroçado por uma separação, com duas filhas, começando a morar na rua, e perdendo sua saúde, a alma e finalmente os dentes. Foi ele quem me autorizou e cuidou para fazer meu trabalho montando câmaras escuras nas tendas dos moradores da Rua Souza e Silva quando ali era só abandono. Ele acompanhou depois o movimento dos fogões a lenha, me ajudou no *Castelo de Cartas* e viu nascer a Lanchonete. E foi ele quem fez a mudança comigo e com o Lucas Botelho, depois Marta Supernova, mais tarde



Figura 15
Câmaras Escuras Casas,
Gamboa, 2015
Acervo Lançonete
Foto Thelma Vilas Boas



Figura 16
Imagem dentro da Câmara
Escura Casa, Gamboa,
2015 Acervo Lançonete
Foto Thelma Vilas Boas

o Beto, do Saracura para o Bar Delas, com seu burrinho sem rabo, um nome denúncia explícita de uma nação... burrinho sem rabo. E tudo cabia numa viagem porque o que eu tinha, as máquinas de escrever, os banquinhos, uma coisa de esquentar comida, um fogãozinho, cabiam fácil no burrinho. E o que a Lanchonete mais tinha tem pernas e veio andando: as crianças.

Cheguei ali na Kriss e logo entendemos que era um encontro de rio e mar, eu o rio e ela um mar gigante e generoso demais. E assim como nesses encontros, rio não deixa de ser rio, nem mar deixa de ser mar. E foi muito legal, porque navegamos juntas, lado a lado, rio e mar, nos reconhecendo e respeitando nossas fronteiras. Convidei o amigo e artista Marssares para produzir um pôster com essa compreensão, resultando em uma folha pautada, muito própria da educação clássica de alfabetização, e eu e Kriss, representando o rio e o mar, descrevemos nosso entendimento eu sobre o Bar Delas, e Kriss sobre a Lanchonete.



Figura 17
Thelma e Alex, 2017
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

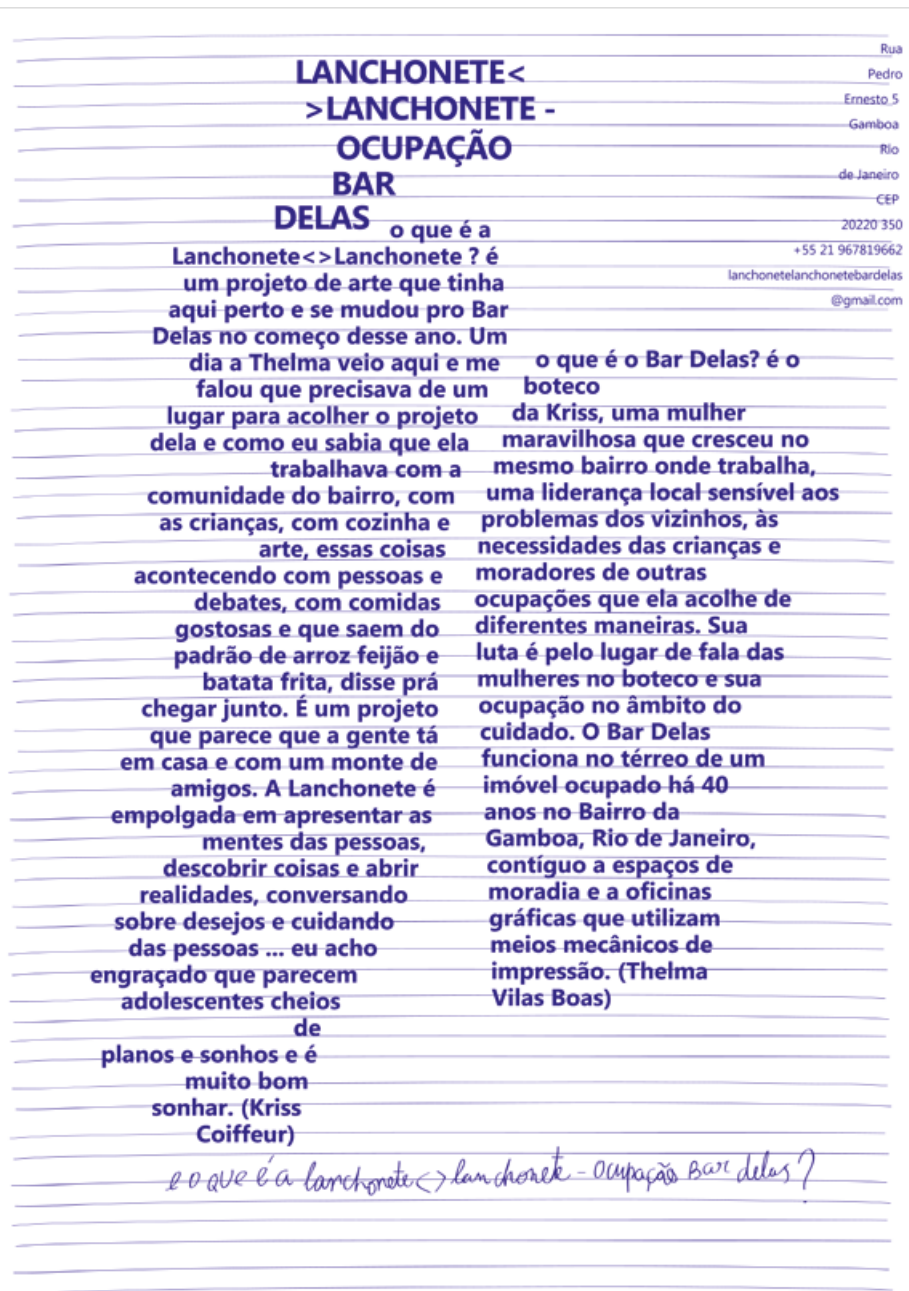


Figura 18
Poster Lanchonete Bar Delas
Artista Marssares, 2018
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

Coloquei telhado, caixa d'água, refizemos a elétrica, arrumamos banheiros e as crianças ajudaram muito nas melhorias do Bar Delas. Aliás, ainda sobre a presença massiva de igrejas evangélicas em todo Brasil e em especial em bairros precarizados, vem o Samuel com 6 ou 7 anos na época, muito ansioso em me dar a notícia de que o Edu não viria mais na Lanchonete, porque agora ele ia para outra igreja, porque sua mãe disse que ele não iria frequentar esse bar de mulheres da vida. E eu pergunto: “como assim, Samuel, outra igreja? E lá a Lanchonete é igreja?” e ele fala: “é um tipo, né!” Eu preciso dizer: foi Samuel que me fez fazer essa reflexão sobre o fundamentalismo versus os nossos ateliês de artistas. De novo, vários agenciamentos, incluídos os dessa idade, entregavam elaborações muito sofisticadas sobre o Brasil e o campo da arte.



Figura 19
Kriss Coiffeur, Bar Delas,
2018 Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas



Figura 20
Rayane e Glaucia, Bar Delas,
2018 Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

Tem outra coisa, a Lanchonete se instituiu muito em cima de uma percepção sobre o fogo como uma experiência primordial de organização em círculo uma vez que naturalmente atores humanos e não humanos se acomodam ao seu redor em busca de calor ou de outra finalidade que ele é capaz de providenciar; mas fato é o quanto ficamos supermagnetizados por tudo que ele representa, o mistério, o calor, o consumo da matéria, a produção de energia, a magia, a forja, a cocção e tudo mais. Em uma dobra comparativa o estômago, que não deixa de ser um fogo, consegue quebrar em pedaços aquilo que recebe quase que por inteiro, e também queima a fome ou a saciedade, produz energia e ação. E a possibilidade de pensar o fogão, domesticando esse fogo em ato na cozinha, ativando a comensalidade, a culinária, atraindo tanto as crianças desde tão cedo, seja pelo calor, pela luz, pela promessa de tudo que pode fazer e matar a fome instinto primordial, se não seria este fascínio a lembrança atômica que guardamos em nossas células de um tempo tão anterior, tão ancestral, tão antigo gravado em nossas memórias moleculares... seria isso, as saudades do Big Bang?

Mas, voltando ao Samuel, quando ele me dá a notícia de que o Edu não vem mais, ele também está dizendo que não vem mais porque é um bar de putas; ele tinha essa noção. Não estou dizendo “putas” como eu já devo ter dito na minha infância, adolescência, maturidade, mas com respeito por estas trabalhadoras do sexo, senão como um dado biográfico sobre a história do Bar Delas e que somente os mais antigos e do bairro conhecem. A mãe de Cristiane, Kriss Coiffeur, dona do Bar Delas, tinha um prostíbulo, e Cristiane cresce e é a mulher forte que é a partir dessa experiência. Assim como o Bar Delas legitimou o envolvimento da Lanchonete na Gamboa, e agora mais do que nunca no rés-do-chão, para todas as humanidades postas ali, principalmente as mulheres, a Lanchonete acena para um mundo branco, letrado, acadêmico, que se inclina diante de todo esse saber, pede licença e a bênção, e passa a trabalhar com a comunidade, com equivalência.



Figura 21
Lanchonete <> Lanchonete
Ocupação Bar Delas, 2018
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

A questão que marca a saída da Lanchonete do Bar Delas novamente tem a ver com a ideia branca. É preciso dizer o quanto nós pessoas brancas não letradas racialmente somos equivocadas por mais que nos aprofundemos na politização dos processos antirracistas. E considerar que culpa branca impede a responsabilização sobre o que o racismo segue provocando na vida de pessoas negras, que reparação não é só financeira, que enquanto o racismo for estrutural não existe de fato abrir mão do privilégio branco.

Muitas coisas promovidas pela Lanchonete foram divulgando o Bar Delas entre a sociedade branca carioca que por sua vez começou a querer usar o bar para produzir festas temáticas: aniversários, baladas e eventos. E com propostas que eu refletia muito com a Cristiane – mas a palavra final sempre foi dela – quando as pessoas diziam: queremos fazer a nossa festa no bar, mas não tem sentido pagar aluguel pelo espaço porque já vamos pagar as bebidas e porque vamos trazer cliente. Eu dizia: Kriss, estão fazendo aqui porque não querem limpar o apartamento depois. Fazer festa em casa tem que comprar a bebida, botar pra gelar, pode ser que falte ou sobre bebida, suja a casa, depois tem que limpar, tem que recolher o lixo, tem que cobrar, porque eles estão fetichizando o Bar Delas, precisam pagar por isso. Só assim vamos enfrentar a branquitude burguesa da Zona Sul do Rio de Janeiro, os artistas da Globo que estão vindo aqui. Em um certo começo eu agenciei com a Kriss esse diálogo, me lembro, aliás, dos nomes das pessoas com as quais eu falei, pessoas que eu continuo vendo, disseram para a Kriss: “a Thelma está atrapalhando, preferimos falar direto com você”. Em uma conversa muito sincera com a Kriss, ela falou: “Thelma, eu quero o dinheiro e quero a fama. Eu adoro que os artistas da Globo venham aqui. Eu acho lindas essas meninas. Não aguento mais ouvir falar da dor do preto”. Com toda razão.

Fato é que a branquitude desconstruída, crítica, atenta, não torna ninguém menos branco.

Então comecei a articular a locação de um galpão, de novo para a posição de inquilina, e fui atrás do que imaginei muitos anos atrás, desde quando eu não tinha nem a garagem do Saracura. E aqui fica uma nota. Meu pai falava: cuidado com aquilo que você pede, porque o universo escuta. Quando você pedir, explica direitinho o que você quer.

E eu me concentrei muitas vezes imaginando um galpão grande, onde pudesse juntar a cozinha, oficinas, espaços de descanso, casa, horta e até galinhas.

E combinei com a Kriss que abriríamos essa busca por um espaço para Lanchonete em outro endereço. Curiosamente aluguei o galpão que tinha visitado em 2015 com Beto e Valentina Desideri, uma artista que conheci na Residência Capacete. Fomos juntas ver esse galpão, imagine, muito antes do Saracura e do Bar Delas, e o proprietário falou que o aluguel era R\$ 5 mil. Eu falei não tenho R\$ 5 mil, tenho R\$ 4 mil, tenho R\$ 3 mil, não tenho é nada, mas ainda assim tentando alguma empatia com o que eu nem sabia explicar o que seria instituído ali. E ele, muito esperto, como todo bom português que tem imóveis como renda, falou: “Ah quer saber, Thelma, se você não tem R\$ 5 mil, você não vai ter R\$ 4 mil e não vai ter R\$ 3 mil”.

Em 2019, finalmente aluguei esse mesmo galpão, que se manteve desalugado por oito anos, e a Lanchonete saiu do Bar Delas. Comecei a compreender que para ser uma ativista e fazer uma luta só dentro da pirataria, eu precisava ter muitos amigos piratas para poder lidar com hackeamento do sistema como antes eu pensava ser possível, não ser figura jurídica, ir na contramão das relações comerciais. Mas aí aprendi também com uma outra figura na minha vida, que se queremos resgatar o dinheiro de quem precisa devolvê-lo, precisamos também escolher as armas de Jorge. E as armas de Jorge escolhidas foram abrir uma associação, ter um CNPJ, escrever editais e disputar o capital acumulado. Uma estratégia para ter acesso a dinheiro público, a dinheiro privado e a doações de pessoas físicas.

Um dia, pensando na educação das crianças, me veio à cabeça o nome Escola Por Vir. Assim, separado. Não é nem a escola do por vir e nem porvir junto, porque é uma escola por acontecer. Não existe desejo algum de cristalizar um modelo. Não acredito que um modelo se encerre, se tudo é dinâmico, é contextual, e temporal. Então, é uma escola por vir, por acontecer, uma ideia de futuro acontecendo por vários *agoras*. Todo dia essa escola está por vir. E que esteja sempre por vir, porque a hora que, de novo, temos certeza e achamos que está feito, envelhece, caduca, não se atualiza e pode acontecer como a arte contemporânea, que em 2023 se chama arte contemporânea. Por favor, isso é contemporâneo?!

Penso que poderia ser um termo dado a uma arte de uma determinada época, que chamamos de contemporâneo assim como a arte moderna, por exemplo. Não me sinto à vontade dizendo que a Lanchonete produz arte contemporânea nos termos que essa nomenclatura se conforma diante da atualidade.

LANCHONETE <> LANCHONETE - OCUPAÇÃO BAR DELAS

programa **NO
MEIO
DISSO TUDO
ALGO DE BOM
ACONTECE**

de julho a novembro
de 2018

terças e quintas feiras

**14h às 16h A lanchonete é das
crianças - gratuito para comu-
nidade / visitantes R\$ 25,00**
Ativação da cozinha da L<>L
onde as crianças preparam uma
refeição, preferencialmente com
alimentos naturais.

**17h às 19h Oficinas Livres - gratui-
to para comunidade / visitantes R\$
40,00**
Práticas artísticas diversas para cri-
anças e adultos.

**19h Conversas na calçada - Aberto ao
público**
Debates sobre temas da atualidade e de
interesse da comunidade com convida-
dos especiais.

**16h e 20h Mostra (Re)Programe a TV -
Aberto ao público**
Mostra de filmes, vídeo arte e desenho de
animação na televisão do Bar Delas.

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO
facebook.com/lanchonetelanchonetecupacaobardelas
instagram: lanchonete.lanchonete

Rua Pedro Ernesto 5 Gamboa Rio de Janeiro
CEP 20220 350

+55 21 967819662

lanchonetelanchonetebardelas@gmail.com

**– criança da,
cuidado
com isso
de passar
spray de
espuminha
no vlt
quando
ele passa
pq vcs
podem se
machucar
– aaa a
gente tá
acostumado!
– e se vierem
dar bronca?
– a gente fala
que é arte**

Figura 22
Pôster Lanchonete Bar Delas
Artista Marssares, 2018
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

É uma escola dentro da história da arte, não é atual ainda que seja um sinônimo. Ainda que eu defenda que a Lanchonete está dentro do campo expandido da arte, como um *site specific* – que se atualiza todo dia diante da consciência do horror vivido por muitas pessoas não brancas, e segue existindo, como vemos aí na arte gerativa, trabalhos de arte que são jardins alterados constantemente pelas combinações dos algoritmos e pixels que ficam alimentando uma imagem – aqui alterado por gestos das infâncias, adolescências e maturidades que se encontram diariamente. Uma arte acústica, não digital.

MP / Deixa fazer um só comentário? Você terminou nessa questão da escola por vir, fazendo a diferença do por vir separado, o por vir de uma escola que não é escola, que você não instituiu como escola. Foi muito bom ouvir o Marcos sobre como a relação dele com a Lanchonete foi fundamental nesse aprendizado de fazer arte sem as técnicas da arte europeia. E o que ecoa da fala do Marcos, é que parece que a Lanchonete se institui como um espaço de aprendizado. Retomando a questão da prática naquele curso que fizemos em 2017, quando levamos a turma de pós-graduação do PPGCA-UFF para fazer o curso lá e fizemos questão de dizer que a Thelma estava como professora também, como é dar aula de pós-graduação em um espaço de portas abertas para a rua, para a Gamboa da Pequena África? Esse é um comentário-pergunta. Você trouxe a importância do seu encontro com as noções de prática e de praxis que estávamos trabalhando ali, que é a coisa do Nego Bispo, já citado por você. É muito importante para nós quando ele fala: para mim não interessa decolonial, descolonial, são nomes produzidos pela academia e que não fazem sentido na luta quilombola e de enfrentamento aos processos de colonização. Ele vai falar em contracolonial. A Silvia Cusicanqui também diz: o decolonial é uma moda, o anticolonial é uma luta, é um cotidiano. Eu acho que você encontrou uma possibilidade de prática contracolonial quando sacou a relação dos ateliês com os espaços onde eles se instalavam. Quando você abre as portas, a Lanchonete se instaura como um espaço de aprendizado e de fato instala uma prática contracolonial, colocando a noção de arte contemporânea o tempo todo em xeque. Eu vejo na sua trajetória, de uma pessoa desse lugar de branquitude, conseguir o tempo todo estar fissurando aquilo que a formou, que é a arte contemporânea. E não por acaso começa em um espaço de arte que foi fundamental: o Saracura abre as portas para você, mas de fato você abre as portas para

a Pequena África, para a Gamboa, e isso vai te forçando a sair. Não tinha jeito. Sabe, era um por vir ali, porque no que você abre as portas, você vai fazendo esses deslocamentos para o Bar Delas, e depois para o Galpão e a escola, e acho que não é por acaso que a Desirée está agora contigo nessa direção.

Desirée Simões / Aproveito que a Mariana termina com meu nome para fazer um gancho porque eu trago uma coisa de ordem muito prática na maneira como eu chego na Lanchonete e fiquei aqui pensando como eu poderia contribuir com essa entrevista. É sobre o discurso da Lanchonete, que a Thelma trouxe da maneira que só ela, como fundadora e criadora do projeto, pode trazer. Eu posso dizer que nesse momento, de uma forma bastante radical, a Lanchonete toma a



Figura 23
Lanchonete <> Lanchonete
Rua Pedro Ernesto 16,
Gamboa, 2019
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

decisão de que falar sobre branquitude, falar sobre racismo, atravessa qualquer coisa que se faça na Lanchonete, desde o redimensionamento de equipe até a maneira como vamos nos posicionar, cada uma a partir do seu lugar, frente às pessoas desse território. Temos experimentado e percebido as tensões que atravessam esse campo. Muito dentro do que a Thelma fala, e eu concordo, que temos o costume de falar sobre o racismo, porque falar daquele que sempre foi o objeto no campo das ciências ocidentais é muito mais simples do que falar sobre a causa de uma situação. A experimentação de falar sobre a branquitude, eu como uma mulher negra, junto a uma mulher branca com pessoas brancas, tem sido algo que traz muito claramente esses pontos relacionados ao pacto da branquitude, ao que é velado e a tudo que a Thelma traz na fala dela. Assim como tem sido curioso observar como é a reação da branquitude quando falamos que o corpo branco também é racializado. Quando eu chego, a Lanchonete já ocupava esse galpão de 240 metros quadrados, já atendia diariamente em torno de 100 pessoas entre mulheres e crianças moradoras das ocupações da Rua do Livramento. E aí, diante do apoio que já oferecia e das situações que começaram a aparecer dentro do Galpão, aparece uma consideração sobre a consequência do esvaziamento da rede assistencial pública intersetorial no território. A Lanchonete recebe demandas que precisam poder chegar nos espaços da assistência social, da educação, da cultura, da saúde, porque, para além de tudo o que já foi colocado, a Lanchonete é um lugar de portas abertas. Não é uma portinha, é um paredão aberto, é tudo aberto. Diante de uma porta aberta, o mundo aparece e fala. E quando fala e nós escutamos, precisa haver uma implicação sobre o que disponibilizamos. Eu chego na Lanchonete quando isso era uma pergunta, que foi a causa de uma angústia deflagrada em todas as pessoas que estavam aqui no final do ano passado, o que eu entendi, quando sou convidada como analista, em meio a uma crise institucional. Faço uma observação, que é a análise institucional, entrego um relatório que é uma intervenção clínica, muito própria do meu trabalho, e a partir disso sou convidada para a direção desse espaço. E fico pensando que a Lanchonete se coloca em um lugar em que conseguimos perceber os furos das políticas públicas em termos da desassistência. Como escutamos, levamos a sério e nos implicamos, passamos a compreender o que é a grande demanda da população. O grande impacto da Lanchonete acontece porque ela tem um dever de possibilitar, viabilizar, facilitar acesso aos dispositivos e equipamentos das políticas públicas para essa população que

vive em ocupações irregulares. Com a minha chegada, pensamos em institucionalizar parte da Lanchonete, mas uma institucionalidade não colonial; para mim, o que tem a ver é o caminho contra-hegemônico.

São cinco grupos de trabalho que falam das frentes de trabalho que a Lanchonete consegue levar adiante. A Escola Por Vir, como a Thelma bem explicou, é a educação; o Moradia Comum pensando a questão da luta por moradia; o GT Cultura... afinal, a Lanchonete nasce no campo expandido da arte, o Sistemas Alimentares que é o quarto GT; e Atenção Psicossocial pensando o campo da saúde mental em uma perspectiva ampliada, fora da conceituação reducionista de saúde e doença mental. Pensamos, aliás, que a cultura é algo que compõe o campo psicossocial, e são coisas que se relacionam. São três eixos de trabalho principais na Lanchonete que são a arte, a clínica e a educação. É por onde passa o trabalho da instituição, pensando que a clínica sempre foi algo que esteve presente desde que a Thelma faz um fogo na rua e espera que as pessoas venham falar para que alguém possa vir a escutar. Então é arte e é clínica desde o momento inicial.

TVB / Acho muito bom o que Mariana e Desirée trouxeram em suas falas, porque atualiza a Lanchonete para todes. Até então eu estava muito dentro de uma experiência pessoal.

Dinah Oliveira / Bom, nosso tempo está acabando, então queria agradecer a presença da Thelma, da Desirée, e de todas as pessoas convidadas. Eu gostaria de perguntar muitas coisas, mas vou apontar para uma questão. Como você observa, Thelma, o processo de captura que o mercado faz das imagens de experiências mais colaborativas e coletivas? Como você opera, se opera, para se proteger disso? Ou então, como é que você faz, se faz uso, de certas práticas que formalizam o mercado para abrir discussões ou então para escancarar essas estratégias do mercado?

TVB / Primeiro, acho que a posição da branquitude é de vantagem, vivemos nessa estrutura de racismo e não deixo de apresentar o meu lugar de artista constrangida com os limites físicos e conceituais do campo da arte. Para mim, isso não é um problema. E apresento à medida que eu posso, em convites como este ou outros, questionar sobre o fraco posicionamento dos artistas brancos diante do capital. Acho que precisamos falar sobre isso. Sabe aquele filme *Precisamos falar sobre Kevin?* E o Kevin é a ideia branca também no artista. Estamos precisando falar sobre isso. Infelizmente, o nosso

pacto não nos permite a sinceridade e a fruição e fluência desse diálogo. Então, quando eu chego na Gamboa, eu chego como artista, e aberta para aprender o que aquele lugar tinha a me ensinar; ele altera por completo a minha prática artística. Pessoas brancas são responsáveis por seu próprio letramento racial e deveriam manter o foco em lutar por justiça social, econômica, ambiental..., e a notícia dessa intervenção já é sobre como me posicionar e responder um pouco a sua pergunta. Desde que li Hakim Bey e aprendi seu conceito TAZ, zona autônoma temporária, falei: conheço isso, já vivi isso e sei do poder de transformação. Ele mesmo cita exemplos e metaforicamente diz que é quando você sobe no telhado, mas não pode ficar lá para o resto da vida. Você tem que descer. Mas quando você desce, você desce transformada. Confiando nessa possibilidade de transformação, eu volto a encarar esse mercado que coopta tudo, desde pão de fermentação natural, movimentos coletivos, Ocupação 9 de Julho, Lanchonete, tudo vai ser cooptado pelo mercado, porque é muito mais forte, ainda até que artistas se levantem também. Mas vai depender de como vamos nos posicionar. Como eu me posiciono? Uso o Instagram? Uso. Bastante? Bastante. A serviço de quê? Da Lanchonete. Reconheço que o patrimônio da Lanchonete é das crianças. É uma associação sem fins lucrativos, então ninguém que venha se envolver com a Lanchonete pode ter a piração de enriquecimento senão coletivo e para toda comunidade. Todo patrimônio que tem lá dentro, todo o dinheiro que entra na Lanchonete e é usado em recursos humanos, é porque crianças negras e mulheres negras ainda sofrem o racismo e efeitos do privilégio branco. Então, dado isso, eu atuo com o meu radar o mais atento e vigilante de mim mesma e na companhia de muitas pessoas; em 2023 somos 48 pessoas envolvidas. Desirée chega com minha convocação muito responsabilizada pelo nosso futuro e fazemos avaliações estratégicas contando com o trabalho de Marisa Mello e Flávia Oliveira no âmbito jurídico, financeiro e do desenvolvimento institucional. Assim como diálogos pontuais importantíssimos com o artista Vamos. Fazemos avaliações estratégicas que têm limite. Temos noção do que é possível nas negociações, pois nos balizamos por Lélia Gonzales: são decisões nos nossos termos. E os nossos termos, quando digo, são os termos da Lanchonete, são os termos das crianças e das mulheres. Quando está nos termos ou se escapa um pouquinho mas é possível suportar, fazemos. Ou seguimos, ou respondemos para você desta maneira: nos termos das crianças e das mulheres da Gamboa.

Arte & Ensaios
vol. 29, n. 46,
jul.-dez. 2023



Figura 24
Lanchonete <> Lanchonete
Escola Por Vir, Rua Ernesto,
16, Gamboa, 2021
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

MC / Lindo. Que bom te ouvir!

TVB / É duro me ouvir. Mas e Cleiton e Dani?

Cleiton Almeida / Estou muito feliz de poder estar aqui e ouvi-la. Eu li o preâmbulo da sua dissertação e fiquei muito tocado quando você fala do seu gosto por varrer, pela narração. Seu relato me provocou diversas memórias, imagens, criou um acontecimento durante a leitura, de me lembrar do varrer na minha experiência, não a própria, porque eu não sou uma pessoa de varrer. Não criei esse gosto, mas meus avós, varrendo o terreiro ali. E é muito interessante essa potência da narração de compartilhar como os gestos cotidianos têm poéticas e agências que às vezes não damos muita atenção por crescer, ser alfabetizados, escolarizados de modo tão doutrinado nesse sistema educacional que desconsidera as sabedorias orais, as sabedorias do corpo que fogem do conhecimento científico eurocêntrico da escola. Como você disse, aprendemos tantas coisas, tantas matérias, disciplinas e, no fim, quando saímos da escola, percebemos o que isso tudo significou, às vezes até com a sensação de “passei tantos anos na escola e não aprendi nada sobre a vida”. Marcos também falou sobre a sabedoria do olfato. Enfim, de coisas tão importantes que acabamos aprendendo nesse estar junto. Então eu queria ouvir você falar um pouco mais da Escola Por Vir, das possibilidades de outras pedagogias, outros métodos de ensino ou de compartilhamento de sabedoria para essa instituição escola. Porque a escola é essa coisa obrigatória na vida das crianças, dos adolescentes, enfim, de qualquer pessoa... mas como pode se dar de outros modos?

TVB / Olha, eu acho que a sua pergunta é muito grande para eu responder, mas eu vou lhe responder pelo que você falou sobre o varrer e sobre a maneira de narrar e tudo o mais com uma coisa que eu li há pouco, que diz o seguinte: é perguntado a esse autor algo que ele diz que “é a história do século XX, a história do conflito e da aliança de três figuras, o sábio, o guerreiro e o comerciante”.¹³ Aí perguntam para ele: mas você não esqueceu do artista ou a arte está morta? E ele diz, e trata metaforicamente das diferentes figuras do capitalismo moderno, entendido do ponto de vista da captura do conhecimento: [lendo] “O produtor de conhecimento, o homem sábio, encontra-se numa situação difícil entre a

¹³ David Priestland. *Uma nova história do poder: comerciante, guerreiro, sábio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

exploração econômica, o comerciante, e a submissão militar, o guerreiro. O artista, prefiro dizer poeta”, ele diz, “está situado numa outra dimensão, não pertence ao ciclo de produção, exploração e submissão, pertence a outro campo, o campo da cura, da terapia. Quando a subjunção capitalista da linguagem e do conhecimento sufocou a vida mental, o poeta”, e aí ele diz entre parênteses, “o artista, se preferirem assim dizer, é a figura que permite uma reativação da respiração. A distinção entre artista e poeta pode parecer minuciosa, mas posso me explicar: a palavra arte, em sua história moderna, foi muitas vezes identificada com o mercado; a poesia, não”. Então, quando você conta sobre como a narrativa do início, de varrer, te toca e abre essas outras dimensões, e aqui, já que também estamos botando em questão a arte e o campo da arte, eu acho que é porque é poesia. Mas que não seja essa poesia branca, que acha que tudo está certo, tudo bonito, então vamos fazer poesia. Não é isso, é sobre o quanto a arte está vinculada a esse capital. E, diante disso, como fazer outras escolas e como interferir em outras escolas? Eu acho que é só através do reencantamento – porque outras maneiras de comunicação são enfadonhas, elas não funcionam mais. Tem outras cosmovisões, outras oralidades, outras falas. E segundo Nego Bispo, não é mais sobre desenvolvimento, é sobre envolvimento. E o envolvimento pretende que as pessoas se mantenham rio e mar. Nesse sentido, espero que o nosso trabalho de pensar escola possa comunicar para outras experiências algo que diga invente-se, liberte-se, contextualize-se, faça poema, seja poeta, mas um poeta crítico, político, sem romantização porque não existe fórmula mágica de prática antirracista estável e aplicável em qualquer contexto a qualquer momento, já disse Tatiana Nascimento.

Dani Spadotto / Oi, Thelma, eu queria agradecer e comentar sobre essa característica encantadora da Lanchonete que é esse modo de acontecer experiencial, que aconteceu até aqui na nossa conversa de hoje, sem muita certeza e racionalidade, mas movido por um afeto e por uma pulsão revolucionária que me preenche a alma. E gostaria também de expressar uma admiração especial pelas crianças e mulheres da Pequena África que ajudaram a compor esse projeto tão lindo, que nos ensina a enxergar beleza na resiliência de criar e aprender com a vida cotidiana, mesmo em situações de extremo sofrimento estrutural. Queria pontuar duas coisas muito interessantes na sua fala. Eu me formei em arquitetura. Na sua dissertação, você fala sobre a importância

do termo lugar e de como o lugar expressa a relação que temos com o território. Ficou muito evidente como os lugares de um dispositivo arquitetônico de arte contemporânea, como um dispositivo arquitetônico que é um bar, e agora um galpão, Escola Por Vir, compõem o projeto Lanchonete. Quais corporalidades esses espaços abrigaram? Que corporalidades e performatividades foram também impulsionando essa migração, essa deriva pelos lugares? E uma coisa que me interessa especialmente é sobre a relação com a atenção psicossocial. Pensando na natureza existencial, comunitária, ecológica, contracolonial, antirracista e artística das propostas desenvolvidas pela Lanchonete, pelos projetos e pelas pessoas, como se dá exatamente esse processo de atenção psicossocial e como esse cuidado se relaciona com as demais atividades do cotidiano?

TVB / Desirée, você responde? Acho que você tem todo o lugar de conhecimento sobre isso.

DS / Temos um GT cujo nome é Atenção Psicossocial, que é o modo como a saúde pública, o campo das políticas públicas em saúde, compreendeu que seria para nomear os serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, que são os CAPs, Centros de Atenção Psicossocial, que é de onde eu venho. Então, no que existia da minha saída dos serviços CAPs de inquietação, eu compreendi a Lanchonete na sua busca generosa por pessoas que desejam criar ideias e compor um projeto guarda-chuva; trago esse deslocamento de um campo conceitual para a cultura em uma experimentação de pensar a saúde mental em um modo ampliado, dentro do campo da cultura, porque cultura e saúde têm parecido cada vez mais a mesma coisa, ou conversam intimamente. Então, temos uma equipe que foi montada este ano. Antes de ser psicanalista, eu sou enfermeira de graduação universitária com formação na UFF, e trago para cá um psicólogo, uma pessoa que também tem uma experiência grande na atenção primária em saúde, na atenção psicossocial do município do Rio de Janeiro; temos a contratação de uma assistente social que tem experiência no campo dos direitos humanos; e como campo de estágio eletivo da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Prefeitura do Rio de Janeiro, em articulação com o Pínel, recebemos uma residente e fazemos um trabalho de preceptoria como campo externo ao estágio nos serviços clássicos de saúde. E também uma parceria para o ano que vem, que é a Escola de Serviço Social da Unirio. Então,

Arte & Ensaios
vol. 29, n. 46,
jul.-dez. 2023



Figura 25
Lancheonete <> Lancheonete
Escola Por Vir, Rua Pedro
Ernesto, 16, Gamboa, 2023
Acervo Lancheonete
Foto Thelma Vilas Boas

a Lanchonete vira um campo de estágio para graduandos em serviço social a partir do acompanhamento da nossa assistente social e também é um campo de formação em atenção psicossocial. E que tem sido estruturado, primeiro, como um trabalho interprofissional: isso quer dizer que os profissionais desse GT estão o tempo inteiro em contato e trocas com as pessoas de todos os GTs da Lanchonete, são colaboradores que trabalham, assim como com a população apoiada pelo projeto. Prefiro apoiada do que assistida, não é? Acho importante retirar da lógica do assistencialismo. Porque o galpão se faz um espaço de convivência. Ao mesmo tempo que acontecem atividades pedagógicas, que têm as ferramentas do campo expandido da arte, é um espaço que se apresenta como um campo relacional, então tem esses profissionais inseridos nas dinâmicas que acontecem tanto na parte da manhã quanto na parte da tarde. Criamos um dispositivo que funciona muito bem hoje aqui na Lanchonete, que não é mais reunião de GTs, mas reunião de equipe, em que pensamos aquilo que a equipe coloca como demanda a ser refletida. Por exemplo, se tem uma situação específica acontecendo com uma criança, alguma coisa que chame a atenção dos educadores, tem a possibilidade de contar com a troca, com um profissional do campo da atenção psicossocial, e pensar quais direcionamentos são possíveis para aquele caso específico. Temos o olhar sobre a totalidade das crianças e mulheres, mas o psicossocial cria a oportunidade de singularizar o que é de cada sujeito e chegar mais próximo das pessoas que apresentam questões que reconhecemos como de maior gravidade. E a partir daí, pensar se um acompanhamento individual faz ou não sentido, sempre com muito cuidado, porque, em um território onde há um esvaziamento de equipamentos públicos de saúde, criar uma demanda para uma instituição do terceiro setor pode vir a ser algo muito perigoso. Então é muito pensado o que é atender uma pessoa de modo individual. E no momento em que reconhecemos que é algo que demanda uma assistência de mais complexidade, é um GT que está pronto e em ato executando articulações com os serviços da rede pública, ainda que sejam fora do território [o sinal cai]

É desse modo; é um GT que pensa hoje principalmente a questão da acessibilidade, da garantia de acesso aos direitos constitucionalmente garantidos a pessoas que não os acessam. Não é só fazer um encaminhamento, uma lógica pobre reconhecida como tal pelo campo da saúde, mas que acompanhemos

as pessoas tanto na chegada a esses equipamentos como também durante o tempo que elas passam na frequência aos serviços de saúde. Então, estamos junto. Muitas vezes, a barreira da linguagem se coloca de maneira imensa. Não dá para supor que a pessoa que chegou ao serviço de saúde realmente teve o acesso garantido. Isso depende dos modos como a comunicação é estabelecida entre o profissional e o usuário do sistema de saúde. A nossa presença garante algum trabalho, ainda que seja no campo da linguagem, que viabiliza o acesso efetivo das pessoas, que muitas vezes são analfabetas, até o acesso formal. Garantir que tenham compreendido aquilo que a clínica da família orienta, por exemplo, poder acompanhar as pessoas e deixá-las advertidas sobre quais são os seus direitos como usuários de um sistema. Então, de alguma maneira, ainda que não seja o setor público, a Lanchonete tem um impacto de viabilizar acesso aos equipamentos públicos a quem quase nunca teve a oportunidade de ter um acesso ou um acompanhamento efetivo e resolutivo para as suas questões em saúde. Não sei se respondi, mas colocaria dessa maneira.

LF / Thelma, antes de passar a palavra para você concluir, queria agradecer e expressar minha enorme admiração pelo trabalho que você inicia e formula, e que vocês, coletivamente, desenvolvem junto a todas as pessoas que o projeto abarca. E lembrar a importância de apoio ao projeto; no *site* da Lanchonete há várias formas de colaboração.¹⁴

TVB / Bom, também agradeço imensamente, Livia, Dinah, Dani, Cleiton, Marquinhos e Edmilson, Desirée e Mariana, por essa conversa. Dizer ainda que gostaria de um dia trocar esse lugar para que não fosse só uma conversa sobre a Lanchonete, mas sobre vocês, sobre as coisas que vocês fazem, para dar uma diluída nesse protagonismo. Mas compreendo o interesse desta edição e talvez possa contribuir para seguirmos discutindo outras maneiras de interpretar o trabalho e a arte como trabalho. Para fechar, eu queria dizer que acredito que é sobre operar a mudança de paradigmas, a mudança de representação de lugares de prestígio, mando e poder, e não reproduzir a fábrica de mais ideia branca. Acho que é sobre isso. E colocar em prática a reparação e as ações compensatórias pelos crimes cometidos durante três séculos, que garantem privilégio para pessoas brancas, mantendo o nosso *status quo*, protegendo o

¹⁴ <https://www.lanchonetelanchonete.com>



Figura 26
Lanchonete <> Lanchonete
Escola Por Vir, Rua Pedro
Ernesto, 16, Gamboa, 2023
Acervo Lanchonete
Foto Thelma Vilas Boas

nosso pacto narcísico que, entre tantas coisas, mantém ilesos, para a minha vergonha e revolta, o capitalismo e a supremacia branca. E, para terminar, eu queria replicar o que aprendi com o professor Alex de Jesus, que diz muito sobre as práticas de cuidado da Lanchonete com as infâncias negras. É o seguinte: bora sabotar os dispositivos de poder para produzir compreensão sobre o racismo que se move nas sombras? Este, o racismo nas sombras, um conceito de Beatriz Nascimento.

E para nos despedir: “Existe uma história do povo negro sem o Brasil; mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro” (Januário Garcia, 1943-2021). Essa é a notícia que as pessoas brancas precisam receber rapidamente. Já está tarde, não é? Obrigada pela possibilidade de elaborar alguma coisa. Peço desculpas a quem se sinta de alguma maneira não contemplado pelo trabalho da Lanchonete, mas reafirmo: ele não é um trabalho feito por mim, pela Thelma, por uma única figura. Desde sempre ele foi um trabalho coletivo. E esta talvez seja a última vez, e acho que é um ótimo momento, que eu vou falar em nome da Lanchonete. Daqui para a frente outras pessoas vão falar sobre a Lanchonete. Então marca também uma despedida desse lugar, de falar sobre um projeto que não é “a Thelma”. Ele é um projeto de muitas pessoas.

Como citar:

BOAS, Thelma Vilas et al. Todo dia essa escola está por vir: entrevista com Thelma Vilas Boas. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29 n. 46, p. 13-60, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.2>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.